



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

SAMARA BEZERRA SOUZA

**COTRIBUIÇÕES DO TRABALHO DO PEDAGOGO NO AMBIENTE HOSPITALAR
PARA O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS HOSPITALIZADAS**

CAJAZEIRAS-PB

2023

SAMARA BEZERRA SOUZA

COTRIBUIÇÕES DO TRABALHO DO PEDAGOGO NO AMBIENTE HOSPITALAR
PARA O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS HOSPITALIZADAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Unidade Acadêmica de Educação da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito obrigatório à obtenção do grau de licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. José Amiraldo Alves da Silva.

CAJAZEIRAS-PB

2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

S729d Souza, Samara Bezerra
Contribuições do trabalho do pedagogo no ambiente hospitalar para o
desenvolvimento das crianças hospitalizadas / Samara
Bezerra Souza. - Cajazeiras, 2023.
56f.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. José Amiraldo Alves da Silva.
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) UFCG/CFP, 2023.

1. Pedagogia hospitalar. 2. Aprendizagem. 3. Crianças Hospitalizadas.
4. Atuação do pedagogo. I. Silva, José Amiraldo Alves da. II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 37.013:614.21

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

SAMARA BEZERRA SOUZA

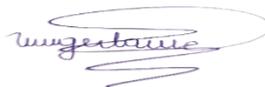
COTRIBUIÇÕES DO TRABALHO DO PEDAGOGO NO AMBIENTE HOSPITALAR
PARA O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS HOSPITALIZADAS

Aprovado em: 08/ 02 /2023

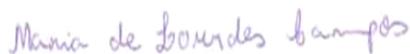
BANCA EXAMINADORA



Prof^o. Dr. José Amiraldo Alves da Silva - UAE/CFP/UFCG
Orientador



Prof^ª. Dra. Maria Gerlaine Belchior Amaral - UAE/CFP/UFCG
Examinadora 1



Prof^ª. Dra. Maria de Lourdes Campos - UAE/CFP/UFCG
Examinadora 2

CAJAZEIRAS - PB

2023

Dedico este trabalho especialmente à minha mãe Sandra, meu pai Gualberto, meu esposo Romero e meu querido irmão Enedino, que foram essenciais nesta jornada para que eu pudesse chegar até aqui. Sempre estiveram ao meu lado dando todo apoio necessário, sem nunca me deixarem desistir.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente a Deus, por me permitir viver este momento, de poder realizar esta graduação, e me dar força e sabedoria para poder chegar até aqui.

Agradeço à minha família, em especial meu esposo, minha mãe Sandra, meu pai Gualberto e meu irmão Enedino que sempre estiveram me apoiando, onde sempre me ensinaram que a honestidade, simplicidade e respeito são essenciais na nossa vida, e que sempre me deram os melhores ensinamentos, para que eu me tornasse a pessoa que sou hoje.

Ao Professor Orientador Dr. José Amiraldo Alves da Silva, o qual tenho profunda admiração pelo profissional que é, e que não mediu esforços para me ajudar, sempre dando todo apoio necessário para que eu conseguisse concluir este trabalho.

Aos meus colegas e amigos, em especial Álen Beatriz, Thalia Maria e Paulo Ricardo, os quais sempre estiveram ao meu lado, sou muito grata pela amizade que construímos.

A todos os professores e pessoas que de forma direta ou indiretamente contribuíram para que eu pudesse realizar este sonho.

“A educação é plural e ocorre em diferentes espaços, quer escolar, quer não escolar, de forma que onde existir a prática educativa haverá a prática pedagógica”.

Libâneo

RESUMO

Abordar o trabalho do pedagogo em ambientes não escolares, principalmente em hospitais, tem despertado cada vez mais interesse dos estudiosos na contemporaneidade, tendo em vista a necessidade de se oferecer as crianças e adolescentes em situação de internação prolongada, uma possibilidade manter os estudos ou uma reintegração mais adequada na escola. O atendimento pedagógico educacional hospitalar promove também, por meio de atendimento humanizado, atividades divertidas e momentos de descontração, que permitem ao paciente/aluno esquecer por um tempo, o momento difícil pelo qual está passando. Neste sentido, este estudo buscou compreender os principais desafios enfrentados e as contribuições do trabalho do pedagogo em ambientes hospitalares para o desenvolvimento, aprendizagem e recuperação de crianças hospitalizadas. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de campo, numa abordagem qualitativa, por meio de uma entrevista semiestruturada com 4 (quatro) sujeitos, sendo 1 (uma) pedagoga e 3 (três) mães que, no momento da investigação, acompanhavam seus filhos no Hospital Universitário Júlio Bandeira, na cidade de Cajazeiras – PB. Para aprofundar os estudos teóricos sobre a Pedagogia Hospitalar, a pesquisa teve como aporte as contribuições de autores, tais como: Costa, Pio e Bessa (2018); Lima, Amaral e Batista (2017); Matos e Mugiatti (2012); Esteves (2008); Brasil (2006; 2005; 2002; 2001;1996), entre outros autores que ajudaram na compreensão do fenômeno estudado. Os resultados da pesquisa demonstraram que mesmo enfrentando dificuldades, a pedagoga desenvolve atividades que colaboram para o desenvolvimento das crianças e adolescentes hospitalizados, amenizando seu sofrimento e fazendo com que estas não se distanciem do processo de ensino e aprendizagem, além de contribuir para uma recuperação mais rápida. Os resultados apontaram ainda que algumas mães não tinham conhecimento da atuação do pedagogo na área hospitalar, mas reconhecem a importância e as inúmeras contribuições que a pedagoga proporciona às crianças hospitalizadas e a seus familiares.

Palavras-Chave: Pedagogia Hospitalar. Desafios. Atuação do Pedagogo.

ABSTRACT

Approaching the work of the pedagogue in non-school environments, mainly in hospitals, has aroused more and more interest from scholars in contemporary times, in view of the need to offer children and adolescents in a situation of prolonged hospitalization, a possibility to continue their studies or a more appropriate reintegration into school. Hospital educational pedagogical care also promotes, through humanized care, fun activities and moments of relaxation, which allow the patient/student to forget for a while the difficult moment he is going through. In this sense, this study sought to understand the main challenges faced and the contributions of the pedagogue's work in hospital environments for the development, learning and recovery of hospitalized children. For that, a field research was carried out, in a qualitative approach, through a semi-structured interview with 4 (four) subjects, 1 (one) pedagogue and 3 (three) mothers who, at the time of the investigation, accompanied their children in the Júlio Bandeira University Hospital, in the city of Cajazeiras – PB. To deepen the theoretical studies on Hospital Pedagogy, the research was supported by the contributions of authors such as: Costa, Pio and Bessa (2018); Lima, Amaral and Batista (2017); Matos and Mugiatti (2012); Esteves (2008); Brasil (2006; 2005; 2002; 2001;1996), among other authors who helped to understand the studied phenomenon. The research results showed that even facing difficulties, the pedagogue develops activities that contribute to the development of hospitalized children and adolescents, easing their suffering and ensuring that they do not distance themselves from the teaching and learning process, in addition to contributing to a more successful recovery. fast. The results also showed that some mothers were not aware of the pedagogue's performance in the hospital area, but they recognize the importance and the countless contributions that the pedagogue provides to hospitalized children and their families.

Keywords: Hospital Pedagogy. Challenges. Pedagogue Performance.

LISTA DE SIGLAS

CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CFE	Conselho Federal de Educação
CFP	Centro de Formação de Professores
CNE	Conselho Nacional de Educação
CNS	Conselho Nacional de Saúde
CONANDA	Conselho Nacional dos Direitos da criança e do Adolescente
DCNs	Diretrizes Curriculares Nacionais
HUJB	Hospital Universitário Júlio Bandeira
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MEC	Ministério da Educação
ONGs	Organizações Não Governamentais
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UAE	Unidade Acadêmica de Educação
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	CONTEXTO HISTÓRICO DA PEDAGOGIA.....	14
2.1	PEDAGOGIA COMO CIÊNCIA.....	14
2.2	ORIGEM DO CURSO DE PEDAGOGIA.....	15
2.3	O CURSO DE PEDAGOGIA APÓS A RESOLUÇÃO N. 1/2006.....	18
2.4	ATUAÇÃO DO PEDAGOGO EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES.....	20
3	A PEDAGOGIA HOSPITALAR.....	22
3.1	CONTEXTO HISTÓRICO DA PEDAGOGIA HOSPITALAR.....	22
3.2	A PEDAGOGIA HOSPITALAR E OS ASPECTOS DA LEGISLAÇÃO.....	23
4	PERCURSO METODOLÓGICO.....	27
5	ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES COLETADAS.....	32
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
	REFERÊNCIAS.....	47
	APÊNDICES.....	51

1 INTRODUÇÃO

A atuação de pedagogos em espaços não escolares vem ganhando importância na contemporaneidade e um desses espaços são os hospitais, pois estes profissionais podem proporcionar atividades lúdicas, como também promover um ambiente de estudo para que as crianças e jovens hospitalizados não percam o vínculo com a escola.

Desta forma, os estudantes que estão com alguma enfermidade e necessitam ficar hospitalizados enquanto estiverem tratando de sua saúde, não podem ficar sem acesso à educação. Além disso, os ambientes hospitalares sem a presença de pedagogos poderiam levar ao fracasso crianças que durante o período de internação ficassem sem acompanhamento das atividades escolares, aumentando as dificuldades de aprendizagem em relação aos seus colegas na volta à escola.

Logo, dependendo do tempo de internação das crianças acometidas por alguma enfermidade, torna-se necessária a atuação do pedagogo no espaço hospitalar, para que estes pacientes não tenham atraso no seu aprendizado e, a partir das ações desenvolvidas pelo pedagogo no hospital possa haver uma recuperação mais rápida dos internos.

O pedagogo no hospital além de proporcionar atividades que colaborem para o aprendizado e desenvolvimento das crianças, também contribui para uma recuperação mais rápida da criança hospitalizada. Pois, o acesso à educação é fundamental e precisa estar presente em todos os ambientes, independente da condição que a pessoa se encontra. Neste caso, o pedagogo hospitalar cria possibilidades para que a criança continue aprendendo mesmo em situações que estejam fora do ambiente escolar.

Como se pode perceber a atuação do pedagogo na área hospitalar vai além do ensino de conteúdos escolares, pois está sempre buscando diferentes alternativas de aprendizagem, trabalhando de acordo com as necessidades das crianças, respeitando seus limites e sua patologia. O pedagogo procura proporcionar o desenvolvimento de crianças e adolescentes visando uma melhor qualidade de vida, amenizando seu sofrimento a partir de uma atenção especializada, apoio à família, transmissão de maior confiança para o paciente, contribuindo, assim, para uma recuperação mais rápida.

Dessa maneira, sua atuação profissional se torna um desafio, uma vez que deve realizar um trabalho humanizado, ajudando as crianças/pacientes, prejudicados em sua escolarização por estar hospitalizado e também longe do seu convívio cotidiano, dos amigos, brincadeiras e familiares.

A partir destes pressupostos, este trabalho procurou entender como acontece o trabalho desenvolvido por uma profissional da pedagogia no HUJB na cidade de Cajazeiras - PB, buscando compreender as suas contribuições para a aprendizagem de crianças hospitalizadas e também as dificuldades e desafios para desenvolver suas atividades no ambiente hospitalar.

Para tanto, este estudo partiu do seguinte problema de pesquisa: Quais as contribuições da atuação do pedagogo a aprendizagem das crianças no Hospital Universitário Júlio Bandeira e os desafios enfrentados no desenvolvimento desta atividade?

Procurando responder tal indagação, foram elencados como objetivos de trabalho compreender as contribuições do trabalho do pedagogo para o desenvolvimento de crianças hospitalizadas, assim como Identificar os principais desafios enfrentados por este profissional no exercício de suas funções e verificar a importância de sua atuação para a aprendizagem e recuperação de crianças hospitalizadas. Além disso, averiguar como os pais ou responsáveis de crianças hospitalizadas percebem o trabalho desenvolvido pela pedagoga no ambiente hospitalar.

Para melhor compreensão da temática em estudo, o trabalho foi dividido nas seguintes seções: Na primeira seção, intitulada o contexto histórico da pedagogia, buscamos mostrar o surgimento da pedagogia como ciência da educação. Enfatizamos também a trajetória e a origem do curso de Pedagogia no Brasil, a partir de leis e decretos que regulamentaram o curso, destacando a Resolução CNE/CP Nº 1, de 15 de maio de 2006, a qual garante atuação do pedagogo para além da sala de aula, ou seja, possibilita a atuação do pedagogo em espaços não escolares.

Na segunda seção, intitulada como a Pedagogia Hospitalar, abordamos o contexto histórico da Pedagogia Hospitalar no mundo e no Brasil, e em seguida os aspectos da legislação sobre a temática, destacando algumas leis e diretrizes que regulamenta a atuação do pedagogo nos ambientes hospitalares.

Na terceira seção, fizemos uma descrição do percurso metodológico para a elaboração do trabalho, onde apresentamos o tipo de pesquisa desenvolvida, o lócus da pesquisa, os sujeitos envolvidos e o instrumento de produção de informações.

Na quarta seção, apresentamos a análise das informações obtidas por meio da entrevista com a pedagoga e com as mães, concluindo o estudo com as considerações finais, que apresenta as ideias centrais do trabalho e os achados da pesquisa.

2 CONTEXTO HISTÓRICO DA PEDAGOGIA

Esta seção traz uma abordagem sobre o contexto histórico da Pedagogia a partir de quatro subtópicos, os quais se destacam a Pedagogia com ciência, a origem do curso de Pedagogia no Brasil, como o curso ficou estruturado após a Resolução CNE/CP N° 1, de 15 de maio de 2006, e para finalizar esta seção, abordamos sobre a atuação do pedagogo nos espaços não escolares.

2.1 PEDAGOGIA COMO CIÊNCIA

A palavra pedagogia deriva do conceito paidagogo, que teve origem na Grécia, e de acordo com Ghiraldelli (2017, p.07):

Em grego antigo, paidós significa "criança" e agodé indica "condução"; aglutinadas e adaptadas ao português elas nos dão a palavra pedagogia. Na Grécia Antiga o paidagogo era o condutor da criança. No mundo grego clássico ele era aquele que guiava a criança ao local de ensino das primeiras letras e ao local da ginástica e dos exercícios físicos. Não raro, o pedagogo era um escravo ou um serviçal.

A função do pedagogo era pouco valorizada e por algum tempo foi exercida por escravos, com a função de passar ensinamentos e a cultura para as crianças, além de conduzi-las para as atividades cotidianas, como ginástica, música, entre outros lugares que os filhos dos senhores frequentavam.

Nos tempos modernos, há um consenso entre estudiosos da área sobre o fato de a Pedagogia ser considerada como "ciência da educação". Entretanto, alguns entendem a Pedagogia como "ciência da arte educativa", sendo a arte a produção dos meios necessários para alcançar os fins educacionais. De toda forma, na pedagogia a teoria e prática são indissociáveis, utilizando da teoria pré-constituída para desenvolver novos métodos de ensino, bem como produzir teorias como consequência da análise e estudo das atividades práticas desenvolvidas.

Não só a Pedagogia estuda a educação, também ciências como a Psicologia e Sociologia têm a educação como objeto de estudo, mas essas áreas da educação buscam estudar conceitos específicos, diferentemente da Pedagogia que estuda a própria educação no todo.

Como argumenta Libâneo (2002, p.67):

A Pedagogia não é, certamente, a única área científica que tem a educação como objeto de estudo. Também a sociologia, a psicologia, a economia, a lingüística ocupam-se de problemas educativos, para além de seus próprios objetos de investigação, e, nessa medida, os resultados de seus estudos são imprescindíveis para a compreensão do educativo. Entretanto, cada uma dessas ciências aborda o fenômeno educativo sob a perspectiva de seus próprios conceitos e métodos de investigação. É a pedagogia que pode requerer para si a investigação do campo educativo propriamente dito, como também de seus desdobramentos práticos, e com isso constituir-se em conhecimento integrador dos aportes das demais áreas.

Deste modo, a Pedagogia como ciência procura desenvolver novos métodos de ensino, sendo importante nesse processo a necessidade de entender o desenvolvimento da criança, como ocorre o processo de aprendizagem, o período de pré-formação da mente e da personalidade, respeitando a individualidade de cada indivíduo, para que onde aconteça a educação os conhecimentos sejam transmitidos de forma eficiente e possa desenvolver uma educação crítica, visando uma educação de qualidade e de bem-estar a todos.

2.2 ORIGEM DO CURSO DE PEDAGOGIA NO BRASIL

O curso de Pedagogia no Brasil teve sua origem no ano de 1939, quando no governo de Getúlio Vargas, por meio do Decreto Lei nº 1.190 de 4 de abril de 1939, os cursos superiores de formação de professores para as escolas secundárias foram incorporados à Universidade do Brasil, estabelecendo a primeira regulamentação do curso.

Como observa Silva (2016, p.34):

Com a extinção da Universidade do Distrito Federal por meio do Decreto n. 1.063, de 20 de janeiro de 1939, seus cursos foram incorporados à Universidade do Brasil que havia sido organizada pela Lei n. 452, de 05 de julho de 1937, por iniciativa do ministério da educação, Gustavo Capanema, no governo de Getúlio Vargas, que previa uma Faculdade Nacional de Educação. Por meio do Decreto Lei nº. 1.190/39 houve a denominação da Faculdade de Filosofia, institucionalizando o sistema de formação de professores que se desenvolveria nos cursos de Ciências, Letras e Pedagogia.

Inicialmente o curso de Pedagogia era um bacharelado, onde o estudante formado em pedagogia exercia o cargo de técnico em educação, como está explícito no Art. 51 c do Decreto Lei nº 1.190/39, que para o preenchimento dos cargos de

técnicos de educação do Ministério da Educação, se exigia o diploma de bacharel em Pedagogia. Assim, o curso com duração de três anos foi criado com o intuito de formar profissionais para atuarem em cargos técnicos. Deste modo, quem terminasse o curso de bacharel em pedagogia e cursasse mais um ano de didática, recebia o diploma de licenciatura e poderia atuar na sala de aula como docente, alinhando o curso de Pedagogia ao denominado “esquema 3+1”.

Este esquema consistia em três anos de estudo dos conteúdos cognitivos ou das disciplinas específicas, o curso de bacharelado, um ano de conteúdos didáticos e o curso de didática.

Supondo que o perfil profissional do pedagogo já estaria definido, concebeu um currículo que formaria o bacharel em pedagogia entendido como o técnico em educação que, ao cursar Didática Geral e Especial, se licenciaria como professor (SAVIANI, 1997, p. 118).

Assim sendo, quem tinha interesse em ministrar aulas depois que terminasse o curso de bacharel em Pedagogia deveria estudar mais um ano no curso de Didática e, assim, ficando habilitado para ministrar aulas.

Este modelo de formação do curso de Pedagogia permaneceu até 1961, quando ocorreu uma nova regulamentação no curso. Com a primeira Lei de Diretrizes e Bases (LDB), Lei nº 4.024 de 20 dezembro de 1961, se estabeleceu um currículo mínimo para aos cursos superiores.

Segundo Silva (2016, p.37):

Com a homologação dessa Lei, se buscou colocar em prática a política de formação de professores baseada na fixação de um currículo mínimo para os cursos superiores. Por meio do parecer 251/62 de autoria de Valnir Chagas, se regulamentou o currículo mínimo do curso de Pedagogia, tentando eliminar o esquema 3+1, na medida em que alterou o tempo de duração do bacharelado e da licenciatura em pedagogia, de três para quatro anos, estabelecendo a formação do pedagogo generalista.

No entanto, o parecer 251/62 não conseguiu extinguir o modelo de formação do curso de Pedagogia no “esquema 3+1”, este modelo ainda permanece por alguns anos. A partir da Reforma Universitária instituída por meio da Lei nº 5.540/68, algumas alterações foram implementadas nas universidades. Em decorrência desta Lei, e também do Parecer nº 252/69 de autoria de Valnir Chagas, foi extinto o modelo de formação 3+1.

De acordo com Sokolowski (2013, p.87):

O Parecer do CFE aboliu a distinção entre bacharelado e licenciatura, determinando que além da formação dos especialistas em administração escolar, inspeção escolar, orientação educacional e supervisão pedagógica, o curso de pedagogia habilitaria para a docência nas disciplinas pedagógicas dos cursos de formação de professores. Ou seja, em qualquer uma das habilitações, os especialistas também seriam licenciados.

Deste modo, esta foi a terceira regulamentação no curso de Pedagogia, a partir da qual não havia mais a divisão do curso em bacharelado e licenciatura, e a partir deste momento, o estudante egresso do curso recebia o diploma de licenciado podendo exercer a docência.

A partir da década de 1980 foram surgindo movimentos de educadores e de entidades que procuraram aprofundar os estudos e debates sobre a formação de professores.

Como argumenta Silva (2016, p.38):

A partir do ano de 1980, teve início o processo de abertura do sistema político e a retomada do processo de "redemocratização social", processo marcado por avanços e recuos. O movimento dos educadores, articulados ao movimento global da sociedade, não mais se submetia a alienação e a opressão imposta à sociedade brasileira, e baseados no ideário das teorias críticas da educação que procurava superar as práticas tecnicistas na área educacional, os educadores se engajaram em discussões, debates, estudos e pesquisas, visando imprimir novos contornos acerca da reformulação dos cursos de formação de professores.

O movimento social dos educadores, por meio da organização de eventos e congressos focados nas discussões sobre a formação de professores e em especial do pedagogo, buscou não somente construir princípios gerais que orientassem a organização curricular, mas também desenvolver ações visando despertar maior consciência coletiva sobre a definição das políticas educacionais, sobre os destinos dos cursos de formação do educador e de sua valorização profissional.

No entanto, nem todos os princípios defendidos pelo movimento dos educadores, como por exemplo, a articulação entre formação inicial e continuada, a sólida formação teórica, a unidade entre teoria e prática, a gestão democrática, o compromisso ético-profissional, o trabalho coletivo e a interdisciplinaridade, foram incorporados aos artigos da LDB, Lei n. 9.394/96.

Por isso, como assevera Silva (2013, p. 60):

A aprovação da LDB 9.394/96 não extinguiu o enfrentamento de questões polêmicas no interior do movimento dos educadores, como a defesa intransigente da base comum nacional e a proposição de alternativas inovadoras, que se contrapunham às propostas de aligeiramento, fragilização e degradação da formação dos profissionais da educação.

De qualquer forma, a aprovação da LDB de 1996, passa a funcionar como eixo articulador da educação brasileira em todos os níveis, etapas e modalidades, estabelecendo a necessidade de nova regulamentação para o curso de Pedagogia.

Diante as discussões a respeito sobre qual seria a melhor forma de formação para os profissionais da educação, principalmente para os professores, e em especial o pedagogo, foi aprovada a Resolução CNE/CP n.1/2006. Segundo Silva (2016, p.39 - 40):

Esta Resolução institui as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para o curso de Pedagogia, definindo como atribuição básica do curso a formação de professores, ampliando o conceito de docência, que supera o espaço da sala de aula e envolve a participação na gestão e em todas as atividades escolares.

Assim sendo, esta foi a quarta regulamentação do curso de Pedagogia, em que sua estrutura curricular precisou passar por uma nova reformulação, para que pudesse se adequar à nova realidade educacional. Como assinala Silva (2016, p.41):

[...] Os egressos do curso de Pedagogia têm como uma de suas competências a formação de crianças dos anos iniciais de escolarização e é necessário que o curso os prepare, efetivamente, para essa tarefa, abordando conteúdos e saberes pertinentes a esta área de atuação.

No entanto, a partir desta Resolução, o profissional formado no curso de Pedagogia tem sua atuação ampliada para a área de serviços e apoio escolar, participação na gestão colegiada prevista nos Projetos Políticos Pedagógicos da escola, além da produção e difusão do conhecimento científico-tecnológico do campo educacional, em contextos escolares e não escolares.

2.3 O CURSO DE PEDAGOGIA APÓS A RESOLUÇÃO N.1/2006

O curso de Pedagogia passou por várias reformulações para chegar a atual configuração em que o pedagogo tem a possibilidade de atuar em espaços não

escolares e, principalmente, em hospitais. A partir da Resolução CNE/CP Nº 1, de 15 de maio de 2006, o pedagogo por lei pode atuar em outros espaços além da sala de aula, no sentido de garantir o acesso à educação para as crianças, mesmo aquelas que por alguma enfermidade não possam frequentar o sistema escolar temporariamente.

Antes da referida Resolução, o curso de Pedagogia formava profissionais voltados para atuar no sistema educacional, especialmente no ambiente escolar. A partir da nova legislação a atuação do pedagogo passou a ocorrer em espaços escolares e não escolares, pois em qualquer espaço que sejam previstos conhecimentos pedagógicos, o pedagogo pode atuar.

Deste modo, de acordo com a Resolução CNE/2006, em seu Art. 2º:

As Diretrizes Curriculares para o curso de Pedagogia aplicam-se à formação inicial para o exercício da docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, e em cursos de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar, bem como em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos (BRASIL, 2006).

Assim, diante desta nova configuração, o curso de Pedagogia ampliou o campo de atuação para o pedagogo, podendo atuar em espaços escolares e não escolares, como em hospitais, empresas, Organizações Não Governamentais (ONGs), tribunal, entre outros. Neste sentido, de acordo com a Resolução 1/2006, em seu Art. 5º, inciso IV, o estudante que concluir o curso de Pedagogia poderá “trabalhar, em espaços escolares e não-escolares, na promoção da aprendizagem de sujeitos em diferentes fases do desenvolvimento humano, em diversos níveis e modalidades do processo educativo”.

Além disso, a referida Resolução em seu Art. 8º inciso IV estabelece que: “estágio curricular a ser realizado, ao longo do curso, de modo a assegurar aos graduandos experiência de exercício profissional, em ambientes escolares e não-escolares que ampliem e fortaleçam atitudes éticas, conhecimentos e competências.”

Portanto, a legislação garante que o estudante do curso de Pedagogia durante seu estágio curricular obrigatório, já pode entrar em contato com as áreas de atuação em espaços não escolares, permitindo que o aluno possa conhecer outros espaços de atuação além da sala de aula, durante a graduação.

2.4 ATUAÇÃO DO PEDAGOGO EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES

Como mencionamos anteriormente, durante algum tempo a atuação do pedagogo ficou restrita ao espaço escolar. Com o passar do tempo esta compreensão foi se desfazendo, de modo que nos dias atuais esta atuação se expandiu para diversos contextos para além do espaço escolar.

Segundo Feitosa, Bidô e Martins (2017, p. 199):

A atuação do pedagogo antes era uma tarefa que se restringia ao espaço escolar, e com o avanço de estudos na área da educação, teve sua prática expandida a diversos setores da sociedade já que está relacionado à educação em termos gerais e na formação de pessoas, podendo assim pedagogos atuar no cotidiano de um espaço escolar e não escolar.

Dessarte, vale ressaltar que o pedagogo que também atua em espaços não escolares, tem a mesma responsabilidade do pedagogo que atua no ambiente escolar, seja relacionada à educação em termos gerais ou na formação de pessoas, precisa desenvolver seu papel de forma competente e ética.

Ainda de acordo com Feitosa, Bidô e Martins (2017, p. 198 - 199):

Mesmo atuando em instituições não escolares, o pedagogo é um educador, agindo de forma competente, ética e profissional, contribuindo para a construção da cidadania e respeito à diversidade, buscando também a humanização do atendimento, para que assim crianças e adolescentes tenham seus direitos preservados. Com isto, podemos perceber o quão é importante a presença de pedagogo fora dos âmbitos educacionais.

O pedagogo tem a possibilidade de desenvolver seu trabalho em vários locais, pois a aprendizagem pode acontecer nos mais diversos espaços além da sala de aula, e para que este aprendizado em espaços não escolares aconteça é indispensável a presença do pedagogo. Deste modo, alguns espaços não escolares que o pedagogo pode atuar, como por exemplo, a pedagogia hospitalar; pedagogia empresarial; pedagogia social, pedagogia jurídica, entre outras, despontam como áreas de atuação promissoras para o pedagogo em espaços não escolares.

No entanto, para que ações educativas possam acontecer em espaços não escolares, é fundamental que os pedagogos estejam sempre se capacitando e aprimorando suas práticas e conhecimentos, para que assim, possam ter capacidade de lidar com as mais diversas situações que venham acontecer durante sua atuação, e que possam desenvolver atividades coerentes, de acordo com a

necessidade e a realidade dos indivíduos da área onde estiveram realizando suas atividades.

De acordo com Costa, *et. al.* (2018, p.133):

O trabalho realizado pela educação não escolar deve considerar os anseios da comunidade com a qual se pretende trabalhar. A educação não escolar pode ser entendida como parte de um trabalho social, com enfoque pedagógico, direcionado ao atendimento de necessidades humanas e sociais [...]. Deve propiciar práticas dialógicas por meio de situações que favoreçam a elevação da autoestima, a emancipação e o pertencimento de cada um e de todos em um determinado grupo e no processo educativo.

Assim, o ato de educar pode acontecer em qualquer espaço desde que se tenha a intencionalidade, pois quando a ação pedagógica é desenvolvida em espaços não escolares pode proporcionar o desenvolvimento e aprendizado do indivíduo em todas as suas potencialidades.

Segundo Costa, *et. al.* (2018, p.133):

A educação não escolar possibilita aprendizagem política dos direitos dos sujeitos enquanto cidadãos, construção de regras éticas relativas a condutas aceitáveis socialmente, consciência e organização de como agir em grupos coletivos, identidade coletiva, capacitação dos indivíduos para o trabalho por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades, aprendizagem e exercícios de práticas que capacitam os sujeitos a se organizarem com objetivos comunitários.

Podemos perceber a importância do trabalho pedagógico em espaços não escolares, e notar que a Pedagogia ultrapassa os muros das escolas, permitindo que todos possam ter acesso à educação, mesmo aqueles que não podem frequentar o ambiente escolar.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº9.394/96, no capítulo I, artigo 1º, estabelece que: “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.”

Então, fica evidente que os processos formativos não se devem restringir ao ambiente da sala de aula, pois além de estarem embasados em teorias também se encontram referenciados na legislação, o que reforça cada vez mais a necessidade e a importância dos processos educativos desenvolvidos nos espaços não escolares.

3 A PEDAGOGIA HOSPITALAR

Esta seção faz uma discussão sobre a Pedagogia Hospitalar, sendo dividida em dois subtópicos, os quais abordam o contexto histórico da Pedagogia Hospitalar, e, em seguida, os aspectos da legislação sobre a temática, destacando algumas leis e diretrizes que regulamentam a atuação do pedagogo nos ambientes hospitalares.

3.1 CONTEXTO HISTÓRICO DA PEDAGOGIA HOSPITALAR

A compreensão de que os processos educativos ocorrem em espaços diversos trouxe a necessidade de que o processo de ensino ao superar os muros das escolas, pudesse chegar a outros espaços, como por exemplo, os hospitais, onde crianças hospitalizadas por algum tempo, ficam impossibilitadas de frequentar o ambiente escolar, de maneira que a atuação do pedagogo se torna imprescindível para que as crianças não se distanciem do processo de aprendizagem.

A Pedagogia Hospitalar teve seus primeiros indícios na França, quando Henri Sellier fundou uma escola com o intuito de atender as crianças diagnosticadas com tuberculose. Estas crianças eram isoladas do convívio social e não podiam frequentar a escola, com o receio de contaminar outras crianças. Depois, seu exemplo passou a ser seguido pela Europa e Estados Unidos.

Por volta do ano de 1939, com o início da segunda guerra mundial, a pedagogia hospitalar ganhou força em virtude do interesse de levar a escola aos hospitais, pois, muitas crianças e adolescentes enfermos ficaram impossibilitados de frequentar as instituições escolares. Assim, passou a se pensar nas condições das crianças e adolescentes hospitalizados, uma vez que não tinham condições de saírem dos leitos dos hospitais e frequentarem a escola.

De acordo com Esteves (2008) ainda em 1939 em Suresne, na França, foi criado o Centro Nacional de Estudos e de Formação para a Infância Inadaptada, com o objetivo de formar docentes para atuarem em hospitais ou em ambientes que cuidassem de crianças enfermas. Neste mesmo ano foi criado o cargo de Professor Hospitalar aprovado pelo o Ministério da Educação na França.

A Pedagogia Hospitalar no Brasil, segundo Feitosa, Bidô e Martins (2017, p. 197) teve início “na cidade do Rio de Janeiro, em 1950 o Hospital Municipal Jesus foi o pioneiro em desenvolver atividades em Classe Hospitalar, que está funcionando

até os dias atuais.” Este hospital foi referência para a criação de outras classes hospitalares nas cidades do Brasil. Deste modo, de acordo Araújo e Rodrigues (2020, p,04):

As iniciativas tomadas pelos membros da classe hospitalar Municipal Jesus foram de suma importância para o surgimento de novas classes hospitalares no Brasil, assim como também até hoje servem de inspirações para estudiosos e interessados no tema. Sua história permanece viva e sempre constará como um marco da pedagogia hospitalar.

Percebemos que as iniciativas deste grupo foram fundamentais para que acontecesse os atendimentos pedagógicos hospitalares e a Classe Hospitalar. Ainda na mesma década surge outro hospital que também foi referência no Brasil em relação a Classe Hospitalar na cidade de São Paulo.

Segundo Freire, *et. al.* (2012, p.05):

Ainda na década de 50, surgiu a primeira classe hospitalar em São Paulo no Hospital da Santa Casa de Misericórdia. Estes primeiros atendimentos pedagógicos hospitalares não dispunham de uma sala ou espaço específico, por isso, era realizado na própria enfermaria do Hospital. Somente em 1997, o Serviço Social de Assistência a Pacientes Internados e o Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina entraram com um pedido na Secretaria de Educação para a criação do Projeto Classe Hospitalar nos moldes atuais.

Como podemos perceber, inicialmente não existiam espaços adequados para o desenvolvimento das atividades pedagógicas nos hospitais como nos dias atuais, a exemplo das brinquedotecas. No entanto, de acordo com Araújo e Rodrigues (2020, p, 05), consideram “estas instituições citadas como pioneiras na pedagogia hospitalar no Brasil. Em seguida, várias classes surgiram em diversos hospitais no país, porém, até os dias atuais, essa quantidade ainda está muito aquém do ideal.”

Portanto, no Brasil surge a necessidade de mais classes hospitalares, assim como de melhor atendimento pedagógico hospitalar, visando atender as crianças necessitadas de apoio educacional quando estiverem hospitalizadas em tratamento de saúde.

3.2 A PEDAGOGIA HOSPITALAR E OS ASPECTOS DA LEGISLAÇÃO

A educação é direito de todos, como consta na Constituição Federal de 1988, mais precisamente no Título VIII – Da Ordem Social, Capítulo III – Da Educação, da Cultura e do Desporto, Seção I, artigo 205, quando dispõe que: “A educação, direito

de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” Portanto, percebemos que os alunos devem ter acesso à educação, não importa o lugar e as condições específicas de aprendizagem.

Por isso, a Pedagogia Hospitalar é uma alternativa para as crianças e adolescentes que por motivo de alguma enfermidade não possam frequentar o ambiente escolar, consigam ter acesso à educação na idade adequada.

Dessarte, na concepção de Lopes (2010, p. 06):

[...] a Pedagogia Hospitalar é um processo alternativo de educação continuada que ultrapassa o contexto formal da escola. A atuação do pedagogo nos hospitais consiste também na formação da classe hospitalar com finalidade de recuperar a socialização da criança num processo de inclusão, dando continuidade à sua aprendizagem.

Para se estabelecer como uma alternativa de educação continuada, a pedagogia hospitalar precisava de leis que assegurasse a atuação do pedagogo, e que principalmente as crianças hospitalizadas tivessem acesso a atividades educativas durante seu período de internação.

A Resolução nº 41/1995, que trata dos Direitos da Criança e Adolescente Hospitalizados – CONANDA, no Art. 9º, define que a criança e o adolescente têm “direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar durante sua permanência hospitalar.”

Na LDB de 1996, em seu Capítulo V onde trata da Educação Especial, Art. 58, no parágrafo 2º, registra-se que: “O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular.”

Assim sendo, os alunos que acometidos por alguma enfermidade não poderem frequentar à escola estão assegurados por lei o direito de ter acesso a atividades educativas, mesmo que não seja no espaço escolar.

Assegurado ainda pela Resolução CNE/CEB Nº 2, de 11 de setembro de 2001, no seu Art. 13, “os sistemas de ensino, mediante ação integrada com os sistemas de saúde, devem organizar o atendimento educacional especializado a alunos impossibilitados de frequentar as aulas em razão de tratamento de saúde que

implique internação hospitalar, atendimento ambulatorial ou permanência prolongada em domicílio.”

No ano de 2002 o Ministério da Educação (MEC) promulgou um documento nomeado “Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar: Estratégias e Orientações” que têm como objetivo:

[...] elaborar estratégias e orientações para possibilitar o acompanhamento pedagógico-educacional do processo de desenvolvimento e construção do conhecimento de crianças, jovens e adultos matriculados ou não nos sistemas de ensino regular, no âmbito da educação básica e que encontram-se impossibilitados de freqüentar escola, temporária ou permanentemente e, garantir a manutenção do vínculo com as escolas por meio de um currículo flexibilizado e/ou adaptado, favorecendo seu ingresso, retorno ou adequada integração ao seu grupo escolar correspondente, como parte do direito de atenção integral (BRASIL, 2002, p.13).

Os hospitais também necessitam de espaços propícios para o desenvolvimento de atividades e brincadeiras, mesmo quando o pedagogo não estiver acompanhando a criança é preciso um espaço como a brinquedoteca para que a criança possa sair um pouco do leito de enfermaria.

Deste modo, a Lei Nº 11.104, de 21 de março de 2005, assegura no Art .1º que:

Os hospitais que ofereçam atendimento pediátrico contarão, obrigatoriamente, com brinquedotecas nas suas dependências. Parágrafo único. O disposto no caput deste artigo aplica-se a qualquer unidade de saúde que ofereça atendimento pediátrico em regime de internação.

Portanto, a brinquedoteca é um espaço importante no âmbito dos hospitais que fazem atendimento pediátrico, pois as crianças precisam de um espaço para brincar enquanto permanecer seu processo de internação.

No ano de 2018, foi sancionada a Lei 13. 716, que altera a Lei 9.394/96, para que possa assegurar a educação das crianças hospitalizadas ou enfermas em casa que não possam frequentar a escola. Assim, o Art. 1º da referida Lei, passa a vigorar a crescida do art. 4º-A, estabelecendo que: “É assegurado atendimento educacional, durante o período de internação, ao aluno da educação básica internado para tratamento de saúde em regime hospitalar ou domiciliar por tempo prolongado, conforme dispuser o Poder Público em regulamento, na esfera de sua competência federativa”.

A Pedagogia Hospitalar no Brasil passa a ser inserida na legislação, assegurando que o pedagogo possa atuar de maneira que a evasão escolar das

crianças não aconteça, quando passar por um longo período de internação hospitalar, além de proporcionar o seu pleno desenvolvimento.

Como asseveram Feitosa, Bidô e Martins (2017, p. 198):

As leis brasileiras asseguram que crianças e adolescentes hospitalizados tenham um atendimento de caráter educacional de qualidade, que venha favorecer o pleno desenvolvimento destes, bem como o acompanhamento do currículo escolar para que quando a criança retorne ao seu meio familiar não tenha sofrido tantas perdas afetivas e escolares.

Diante o exposto, podemos observar que ultimamente esta área de atuação vem avançando, na medida em que o trabalho do pedagogo tem se tornado cada vez mais relevante na busca de humanização do atendimento a criança hospitalizada, na recuperação e socialização da criança, além de contribuir, por meio das atividades desenvolvidas no âmbito hospitalar, para o retorno ou adequada integração da criança ao seu grupo escolar correspondente, dando continuidade ao seu processo de aprendizagem.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Iniciamos esta seção procurando entender o que significa o conhecimento científico, ou seja, o conhecimento adquirido a partir de experimentos e testes, que podem comprovar o que está sendo falado ou mostrado, e que também pode ser aprimorado diante do surgimento de novos estudos e pesquisas.

Na compreensão de Prodanov e Freitas (2013, p.22) destaca:

O conhecimento científico difere dos outros tipos de conhecimento por ter toda uma fundamentação e metodologias a serem seguidas, além de se basear em informações classificadas, submetidas à verificação, que oferecem explicações plausíveis a respeito do objeto ou evento em questão.

Para se chegar ao conhecimento científico existe todo um caminho a ser percorrido, pois precisa ser provado através de fatos, dados e documentos que comprove determinado conhecimento.

Para delinear o caminho traçado nesta investigação, precisamos entender também o que é a pesquisa científica, que significa o estudo realizado a partir de um planejamento para chegar a uma resposta sobre uma pergunta ou problemática inicial.

Deste modo, Gil (2008, p.26) define a “pesquisa como o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos.”

A pesquisa científica nos permite produzir um novo conhecimento ou aprimorar um conhecimento já existente. Para realizar uma pesquisa precisamos compreender os tipos de pesquisas, pois segundo Prodanov e Freitas (2013) os critérios e a classificação variam de acordo com o enfoque dado, os interesses, os campos, as metodologias, as situações e os objetos de estudo.

4.1 TIPO DE PESQUISA

Na elaboração do estudo realizamos um levantamento bibliográfico sobre a teoria pertinente ao tema a partir de textos, artigos, livros de autores que abordam a temática em estudo. Além disso, desenvolvemos uma pesquisa exploratória que consiste em aproximar o pesquisador ao seu objeto de estudo. Como destaca Gonsalves (2001, p. 65), “a pesquisa exploratória é aquela que se caracteriza pelo o

desenvolvimento e esclarecimento de ideias, com objetivo de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno que é pouco explorado.”

A pesquisa de campo foi realizada no Hospital Universitário Júlio Bandeira (HUJB), durante o mês de outubro de 2022. De acordo com Gonsalves (2001, p. 67):

Denomina-se *pesquisa de campo* o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. A pesquisa de campo é aquela que exige do pesquisador um contato mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre – ou ocorreu – e reunir um conjunto de informações a serem documentadas.

Com a realização da pesquisa de campo, por meio de uma abordagem qualitativa, buscamos obter informações de forma direta, pois esta permite que o pesquisador tenha um contato mais pessoal com a população pesquisada.

Deste modo, para Godoy 1995 (*apud*, CÂMARA, 2013, p. 181-182):

A pesquisa qualitativa não procura enumerar e/ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados. Parte de questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo a medida que o estudo se desenvolve. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo.

Compreende-se, que devido a pesquisa ter sido realizada em um ambiente hospitalar e, principalmente, por procurar entender a atuação, os desafios e contribuições do pedagogo neste local, utilizamos uma abordagem qualitativa, na qual não se busca uma análise mais intensa de seus resultados.

4.2 LÓCUS DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada no Hospital Universitário Júlio Bandeira (HUJB), na cidade de Cajazeiras, no estado da Paraíba. O hospital desenvolve um trabalho de humanização procurando fazer com que a criança não saia totalmente do contato com o ambiente escolar no período de internação. O hospital foi escolhido por ser o único na cidade de Cajazeiras-PB que atende crianças e tem uma pedagoga em sua equipe multidisciplinar.

Para melhor compreensão do ambiente onde o estudo foi realizado descrevemos a seguir alguns aspectos do lócus da pesquisa. Antes do HUJB se

tornar um hospital Universitário, era apenas um hospital público inaugurado no ano de 1978.

Diante dos acordos firmados entre o poder público do município e a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), no ano de 2012 o hospital foi doado para esta instituição. A partir daquele ano, o hospital tornou-se universitário, passando por várias reformas e ampliações do espaço para melhor atender a população.

Inicialmente o público alvo atendido era exclusivamente constituído por crianças, mas na atualidade o atendimento não se restringe unicamente ao público infantil, também são atendidos idosos e adultos de todas as faixas etárias.

O hospital atende não somente a população da cidade de Cajazeiras, mas também aos 14 municípios da região. Atualmente a instituição conta com um total de 334 funcionários, 51 leitos de atendimento, sendo 11 de cirurgia geral, 19 de clínica geral, 02 de terapêutico, 03 de pediatria cirúrgica e 16 de pediatria clínica.

4.3 SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos participantes desta investigação foram quatro pessoas, sendo uma pedagoga e três mães que estavam acompanhando seus filhos hospitalizados no período do desenvolvimento da pesquisa. Para manter anonimato das mães entrevistadas, elas foram nomeadas por: Mãe 1, Mãe 2 e Mãe 3. Assim sendo, a Mãe 1 estava acompanhando seu filho de 5 anos, a Mãe 2 estava acompanhando sua filha de 5 anos e a Mãe 3 estava acompanhando seu filho de 4 anos.

Para Gonsalves (2001, p. 69), “no processo de investigação social, você estará se deparando, portanto, com dois tipos de sujeitos: o sujeito investigador e o sujeito investigado, este último imerso em uma situação-problema que é o objeto de investigação do primeiro.”

Assim, o sujeito investigado torna-se fundamental para que os resultados da pesquisa sejam alcançados pelo investigador. Ainda em seus estudos, Gonsalves (2001), enfatiza que num processo de pesquisa, o investigador interage com o sujeito e é dessa interação que os dados são produzidos, e o sujeito-investigado se torna produtor de realidade e de conhecimento.

4.4 INSTRUMENTO DE PRODUÇÃO DE INFORMAÇÕES

Utilizamos como instrumentos de coleta de dados a observação do trabalho do pedagogo de forma sistemática. De acordo com Gil (2008, p.104), “nas pesquisas deste tipo, o pesquisador sabe quais os aspectos da comunidade ou grupo que são significativos para alcançar os objetivos pretendidos. Por essa razão, elabora previamente um plano de observação.”

Deste modo, durante o período de observação que durou 15 dias, foi observado como a pedagoga desenvolve seu trabalho, como acontece o envolvimento das crianças nas atividades desenvolvidas, e também se são atividades educativas, além de outros aspectos que venham surgir durante a observação. Também foi realizada uma entrevista semiestruturada com a pedagoga e com os responsáveis pelas crianças. Como destaca Queiroz 1988 (*apud* DUARTE, 2002, p.147):

A entrevista semi-estruturada é uma técnica de coleta de dados que supõe uma conversação continuada entre informante e pesquisador e que deve ser dirigida por este de acordo com seus objetivos. Desse modo, da vida do informante só interessa aquilo que vem se inserir diretamente no domínio da pesquisa.

Deste modo, durante a entrevista foram feitas perguntas as entrevistadas para nortear a discussão, de acordo com um roteiro previamente elaborado (Apêndice A e B). Elas falaram livremente, e mediante autorização as entrevistas foram gravadas.

Portanto, para garantir o anonimato das informações das entrevistadas e os direitos legais de todos envolvidos na entrevista, todas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice C), em duas vias, sendo disponibilizada uma via para as entrevistadas e uma para a pesquisadora.

Para análise das informações obtidas por meio das entrevistas, utilizamos a técnica de Análise de Conteúdo definidas por Laurence Bardin. De acordo com a autora:

o termo análise de conteúdo designa: um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2011, p. 47).

Ainda em seus estudos, Bardin (2011) destaca algumas etapas fundamentais que precisam ser seguidas pelo o pesquisador na análise dos conteúdos, a saber: pré-análise, exploração do material e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. Deste modo, a análise de dados foi feita confrontando os dados empíricos da observação e da entrevista com o referencial teórico elaborado.

5 ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES COLETADAS

A análise dos dados busca compreender as informações colhidas a partir das entrevistas realizadas, para assim, ter maior conhecimento e ter contato com a área e tema em estudo. Deste modo, diante os dados coletados pudemos entender melhor como acontece o trabalho da pedagoga no âmbito hospitalar.

Em relação ao percurso metodológico do presente trabalho, iniciou-se com uma pesquisa exploratória a partir de levantamentos bibliográficos sobre o tema em estudo, depois de estudos e leituras sobre o tema, fizemos a pesquisa de campo de abordagem qualitativa, no Hospital Universitário Júlio Bandeira (HUJB) localizado na cidade de Cajazeiras/ PB, onde realizamos uma entrevista semiestruturada.

Dessarte, as entrevistas foram realizadas com pessoas que estavam vivenciando a realidade do hospital e que puderam falar sobre como acontece o trabalho da pedagoga no hospital. Assim sendo, o estudo teve quatro sujeitos de pesquisa, sendo uma pedagoga que atua no hospital HUJB e três mães que estavam acompanhando seus filhos nos leitos da enfermaria do hospital.

Após a realização das entrevistas, seguiu-se a análise das informações coletadas. As respostas da entrevista com a pedagoga se basearam nos seguintes temas:

- 1 - Formação e atuação da pedagoga;
- 2 - Contribuições do trabalho do pedagogo no espaço hospitalar;
- 3 - Desafios enfrentados pelo pedagogo no ambiente hospitalar.

Deste modo, os dados foram analisados de acordo com os pontos mais relevantes nas falas da pedagoga em cada tema, sendo desconsideradas algumas falas repetidas nos argumentos da entrevistada. No primeiro tema **formação e atuação da pedagoga**, buscamos identificar principalmente o que a pedagoga entende por Pedagogia Hospitalar, em quais espaços do hospital desenvolve suas atividades, o que poderia ser melhorado na formação do pedagogo que deseja atuar na área da pedagogia hospitalar, além de procurarmos entender como é realizado seu trabalho no HUJB.

A Pedagogia Hospitalar é uma área de atuação importante, pois pode oferecer suporte acadêmico por meio de atividades pedagógicas desenvolvidas de

maneira lúdica e recreativa para as crianças que estão enfrentando um momento de enfermidade, para que possam continuar sua aprendizagem.

Para Feitosa, Bidô e Martins (2017, p.200) a Pedagogia Hospitalar compreende:

[...] Uma área de atuação que ultrapassa os muros das escolas, tentando possibilitar que as crianças que estão nesse contexto de sofrimento possam encará-lo de forma mais positiva, tornando-o acolhedor e humanizado por meio das atividades pedagógicas desenvolvidas de maneira lúdica e recreativa.

A partir desses pressupostos, inicialmente procuramos saber da pedagoga o que significa Pedagogia Hospitalar. Sobre esta indagação a entrevistada destacou que:

Pedagogia Hospitalar pra mim, significa levar alegria e aprendizagem a um ambiente inóspito, em um ambiente não favorável ao desenvolvimento da aprendizagem da criança. Então, a pedagogia para mim ela transforma o ambiente hospitalar, ela dá ludicidade necessária, ela entende a criança como sujeito de direito que está em constante transformação e que precisa desse ambiente para se desenvolver, para continuar sua aprendizagem e para sua melhora clínica também.

A pedagoga expressa em sua fala a importância da Pedagogia Hospitalar, pois através do seu trabalho estar sempre buscando oferecer o melhor para a criança, pensado no seu aprendizado e também na sua recuperação.

Portanto, a partir do momento que o pedagogo passou a ter espaço de atuação no ambiente hospitalar, percebe-se a necessidade dos cursos de Pedagogia oferecerem em sua estrutura curricular disciplinas que trabalhem mais detalhadamente a Pedagogia Hospitalar, contribuindo para uma melhor formação dos discentes que desejam atuar na área da Pedagogia Hospitalar.

Como cita Matos e Mugiatti (2017, p.99):

[...] essas práticas da Pedagogia Hospitalar apontam para a necessidade de formação de pedagogos especializados para atuação no contexto hospitalar. Objetivando alicerçar sua continuidade dentro do contexto da pedagogia acadêmica, torna-se importante que se tenha em mente a sua significação em termos sociais, bem como a oportunidade que se oferece para o desenvolvimento de práticas específicas, visando a adaptar condições de aprendizagem que em determinadas situações que se instalam em contexto hospitalar são diferenciadas das que se apresentam nos padrões normais da sala de aula.

Assim, as instituições de formação precisam investir nos cursos de Pedagogia também visando diversificar as possibilidades de atuação do pedagogo e não pensar o pedagogo como um profissional que vai atuar exclusivamente em salas de aula.

Ainda, segundo Matos e Mugiatti (2017, p.99):

Nesse processo de implantação e desenvolvimento da Pedagogia Hospitalar torna-se importante considerar que sejam dadas condições, por parte das universidades e instituições de ensino, para a criação de habilitação que venha preparar profissionais para atuar no atendimento pedagógico em contexto hospitalar, em função específica nesta área. É também importante que se desenvolvam práticas em crescente coerência, com essa demanda de formação.

Em outro momento de sua fala a entrevistada também destaca a importância da formação do pedagogo que deseja atuar no ambiente hospitalar. Segundo ela:

O que deveria ser modificado inicialmente seria o próprio curso de Pedagogia, eu acredito que na grade curricular da pedagogia deveria ter uma disciplina especializada na pedagogia hospitalar.

Então, diante a fala da entrevistada, podemos perceber a necessidade de uma reformulação no curso de Pedagogia, pois se percebe a falta de disciplinas no currículo do curso que abordem especificamente os temas da atuação do pedagogo em espaços não escolares, sobretudo no ambiente hospitalar.

O pedagogo tem papel fundamental no contexto hospitalar na medida em que desenvolve seu trabalho em várias áreas do hospital, como por exemplo, na brinquedoteca, nas recepções dos ambulatórios, com as crianças nos leitos das enfermarias, com aquelas crianças que estão impossibilitadas de sair dos quartos, entre outros.

Assim, de acordo com Feitosa, Bidô e Martins (2017, p.200), “a atuação do pedagogo em hospitais pode dar-se em diferentes espaços, como em brinquedotecas, nos ambulatórios, nos quartos, nas enfermarias e nas Classes Hospitalares e como forma de recreação”, ou seja, o pedagogo desenvolve atividades nos mais variados espaços do hospital.

A pedagoga entrevistada em sua fala apresenta seus espaços de atuação no HUJB, e as atividades que são desenvolvidas. A este respeito destaca que:

São realizadas através da visitação no leito, quando nós identificamos que a criança está restrita ao leito, seja pela enfermidade quadro clínico dela, ou seja, pelo tratamento que ela tá fazendo [...],e aí o pedagogo, no meu caso, eu levo o recurso lúdico para criança, desenvolvo a atividade com ela no leito e essas atividades, elas são geralmente jogos, leituras, leituras de livros, desenhos, a gente estimula a criança a criar o seu próprio desenho.[...] Então assim, quando a criança está no leito geralmente a gente pergunta o que ela gostaria de fazer, né? A gente não leva atividade pronta, pergunta: gosta de desenhar? gosta de ouvir música? gosta de cantar? gosta de escutar história? Ler? Então, fica a critério da criança.

Em outro momento de sua fala a pedagoga revela o envolvimento e a dedicação com as atividades desenvolvidas com as crianças, inclusive na brinquedoteca:

O ambiente em ordem dos ambulatórios também, né? Tem lá um espaçozinho onde as crianças, elas aguardam o atendimento brincando, né? Desenhando, pintando, lendo e esse espaço também fica ao meu cargo. Quando a criança não está nesse processo de restrição ao leito, a gente convida elas para brinquedoteca, e lá são desenvolvidas atividades lúdicas, tanto com os desenhos que já se encontram lá, quanto com as atividades que são propostas pela pedagogia. A brinquedoteca é tudo de bom que uma criança poderia ter em um internamento hospitalar, a brinquedoteca ela é pensada justamente como um ambiente extra hospital, né? para que a criança, ela sai daquele momento, que quando ela entra ali, ela esqueça que está no ambiente hospitalar, não é? E aí nós vemos a brinquedoteca como algo muito positivo, porque realmente a criança ela se desconecta do hospital.

Podemos notar a importância da brinquedoteca no ambiente hospitalar, pois permite que por algum instante a criança hospitalizada esqueça um pouco de sua enfermidade e possa brincar, aprender brincando através das atividades lúdicas. Na brinquedoteca também acontece a socialização com outras crianças, o que faz com que possam ter um convívio social próximo com a realidade de quando não estavam hospitalizadas.

Segundo Santos e Charim (2019, p. 3):

A Brinquedoteca dentro do hospital auxiliará a criança para que ela passe por este processo de hospitalização da melhor forma possível adquirindo confiança, facilitando a adaptação e minimizando seu sofrimento diante desse momento. É através da brincadeira que conseguirá entender o que está acontecendo com ela, quais os procedimentos que serão realizados e quais os sintomas que a doença pode trazer. É um espaço onde a criança poderá se aproximar um pouco da rotina que tinha fora do hospital, percebendo que outras crianças também estão passando por isso, fazendo com que ela se sinta mais confortada diante de tanta mudança.

Assim, o pedagogo no hospital pode dar suporte a todas as crianças que estão naquele ambiente, desde a recepção até os quartos de enfermarias. Este suporte também pode se estender aos familiares, pois na maioria das vezes eles se envolvem nas atividades propostas pela pedagoga, sendo fundamental que estejam sempre apoiando as crianças, neste momento de dificuldades causado pela a enfermidade.

O segundo tema da pesquisa foi sobre as **contribuições do trabalho do pedagogo no espaço hospitalar**. Neste tópico procuramos identificar as contribuições do trabalho da pedagoga para aprendizagem das crianças, observando também se a pedagoga consegue perceber como o seu trabalho pode contribuir para diminuição do período de internação da criança hospitalizada.

As contribuições do trabalho da pedagoga no espaço hospitalar ocorrem em várias dimensões, pois além do brincar com as crianças, tornar o ambiente hospitalar mais alegre e mais lúdico, também trabalha a questão da humanização com os pacientes e demais profissionais, buscando sempre manter o vínculo da criança com a educação, para que no retorno a sala de aula a criança possa continuar os estudos.

De acordo com Silva e Andrade (2013, p. 63):

A educação no espaço hospitalar tende a humanizar o atendimento de reabilitação da saúde da criança hospitalizada, pois promove uma interação paciente-equipe medica-família-profissionais da educação em que é possível criar um diálogo entre os sujeitos contribuindo, no estado biopsicossocial da criança. Essa atuação com a saúde tem favorecido para diminuir o período de internação, garantir os direitos da criança e do adolescente à escolarização e à saúde, e também tem transformado o espaço triste e doloroso do hospital em local de aprendizagem, encantamento e reabilitação da saúde e da educação.

Com relação as contribuições do trabalho da pedagoga especificamente no HUJB, a entrevistada destacou que:

As contribuições são tão grandes, sabe? [...] a gente começa a desenvolver as atividades, modificar o ambiente, a questão da visão da cultura institucional. [...] Eu juntamente com o Comitê de Humanização, levei esse questionamento. Gente, o branco assusta, ninguém se vestia de colorido aqui, [...] nós conseguimos mudar um pouco dessa cultura institucional e trazer pelo menos o colorido para a ala pediátrica [...]. A importância da atuação do pedagogo, a gente promove cursos de capacitação em humanização hospitalar, como tratar o acompanhante da criança, como chegar na enfermaria. O pedagogo ele não atua exclusivamente, apenas com a criança no leito e com seus familiares, ela trabalha também a questão dos outros profissionais em si.

Diante a fala da pedagoga percebemos que o pedagogo hospitalar se preocupa com todas as áreas do hospital, não só com a criança, e o mais importante é que por meio das atividades lúdicas desenvolvidas, o pedagogo pode contribuir para a recuperação mais rápida da criança.

Quando a entrevistada foi questionada sobre as contribuições do seu trabalho para uma recuperação mais rápida da criança hospitalizada, ela enfatizou:

Eu acredito que as crianças conseguem ter alta mais rápido sim, por que? Porque a brincadeira, ela causa estímulos que promove o prazer na criança, né? Então, a criança bem humorada, a criança com o humor feliz, vai contribuir significativamente para a sua recuperação clínica [...]. Então, a gente traz isso para cá também, a gente percebe que a criança feliz ela se recupera mais rápido, né? E a gente contribui com essa felicidade, para que essa felicidade, ela cura, cura por dentro da criança.

As brincadeiras e os momentos felizes propostos pela pedagoga fazem com que a criança esqueça por alguns instantes a realidade do hospital, e isso contribui significativamente para uma recuperação mais rápida. Referindo-se aos benefícios

das brincadeiras na recuperação das crianças, Borges, Nascimento e Silva (2008, p.09), argumentam que:

Através do brincar, as crianças experimentam sensações de prazer e de felicidade; adquirem conhecimento sobre o mundo; aprendem espontaneamente; desenvolvem a sociabilidade. O brincar pode representar uma fuga da realidade, ou seja, esquecer temporariamente a doença. Todos esses benefícios contribuem para que as crianças aumentem as defesas imunológicas; minimizem os prejuízos da hospitalização, sobretudo a apatia e a irritabilidade; recuperem-se mais rapidamente e resgatem a alegria inerente à infância, mesmo em situação de doença grave.

Como podemos perceber o trabalho desenvolvido pela pedagoga, sobretudo por meio de atividades lúdicas, contribui para que a criança se sinta mais feliz, melhorando seu estado de humor e, desta forma, pode aumentar as defesas imunológicas evoluindo para a cura mais rápida de sua enfermidade.

O terceiro tema da entrevista foi sobre os **desafios enfrentados pelo pedagogo no ambiente hospitalar**, em que buscamos identificar os desafios e dificuldades que a entrevistada enfrenta para realizar seu trabalho no ambiente hospitalar.

Durante a entrevista a pedagoga elencou alguns dos principais desafios e dificuldades enfrentados no exercício da atuação no âmbito hospitalar:

O que eu enfrentei a princípio foi essa questão de realmente não ser, não vou dizer nem bem vista, mas de causar estranheza nos outros profissionais, eu senti esse impacto quando eu cheguei aqui, as pessoas falavam: mas pedagogo vai fazer o que? Então assim, no início isso foi um desafio para mim, né? Fazer com os profissionais enxergassem a minha importância aqui dentro, hoje não mais, hoje está muito consolidado, eles enxergam. A minha dificuldade realmente, é uma dificuldade na falta de investimento pra minha atuação, entendeu? Eu preciso de recursos, preciso de espaço, nós sofremos muito com a questão de espaço físico aqui, é um gargalo muito grande. Então assim, há pouco tempo eu não tinha uma sala própria, [...] eu tive que brigar com a chefia, tive que entrar na ouvidoria, denunciar o que estava acontecendo pra ter esse espaço. Então, isso foi muito desafiador. E a falta de recursos lúdicos ainda é um gargalo pra mim.

Podemos observar na fala da pedagoga que a falta de investimos, de recursos e de um espaço adequado para trabalhar, acaba se constituindo nos principais desafios para sua atuação, além da falta de reconhecimento do trabalho da pedagoga pelos demais profissionais no ambiente hospitalar.

A esse respeito, Oliveira, Nascimento e Rodrigues (2017, p. 09), assinalam que:

São diversos os enfrentamentos referentes à profissão, dentre eles evidencia-se a formação continuada, afetividade constante, habilidade de lidar com a equipe médica, sensibilidade para lidar com pacientes e familiares fragilizados, associação da prática pedagógica com o meio,

desenvolver o trabalho pedagógico em diferentes segmentos, habilidade para interagir com diferentes grupos sociais e culturais, a falta de reconhecimento profissional e ser emocionalmente neutro.

Assim sendo, notamos que o pedagogo enfrenta vários desafios para poder realizar seu trabalho em um espaço não escolar, pois lidar com a aprendizagem de crianças enfermas é uma tarefa árdua. Soma-se a isto, enfrentar outros desafios como a falta de investimentos em sua área, falta de recursos para realizar suas atividades e falta de reconhecimento profissional. No entanto, os pedagogos hospitalares não podem desanimar, pois seu trabalho é importante nos centros de cuidado a saúde, principalmente na recuperação das crianças.

Ainda em relação aos desafios enfrentados, a pedagoga relatou:

Eu acredito que seria o investimento em capacitação profissional, tanto pra Pedagogia como para os demais profissionais, para que entendam a importância e o porquê necessário da atuação do pedagogo, e o investimento financeiro na parte de compras de brinquedos, de materiais e recursos lúdicos para melhorar o nosso trabalho.

Então, podemos perceber na fala da pedagoga que os maiores desafios recaem sobre a falta de reconhecimento do seu trabalho por parte dos demais profissionais e a falta de materiais para poder realizar seu trabalho. Também podemos apontar a necessidade de investimentos financeiros mais significativos por parte das autoridades governamentais, na compra de materiais, recursos lúdicos e didáticos para que a atuação da pedagoga se torne mais efetiva nos hospitais.

De qualquer forma, fica evidente na fala da pedagoga entrevistada, a importância do trabalho na pedagogia hospitalar, pois em que pese os desafios enfrentados, suas contribuições para a aprendizagem e recuperação das crianças são inúmeras, como foi possível perceber diante da análise dos dados realizada.

O segundo momento da análise foi destinado ao exame das informações coletadas com as mães que estavam acompanhando seus filhos no hospital. Como citado anteriormente, foram entrevistadas três mães, caracterizadas como Mãe 1, Mãe 2 e Mãe 3. As respostas da entrevista com as mães se basearam nos seguintes temas:

1 - Concepções dos pais ou responsáveis sobre o trabalho da pedagoga com as crianças em tratamento de saúde.

2 – Na concepção das mães, as crianças gostam das atividades propostas pela pedagoga? E como ocorre essa participação?

3 - A partir do desenvolvimento das atividades propostas pela pedagoga, é possível perceber mudanças na recuperação da criança?

Assim, o primeiro tema da entrevista com as mães foi sobre **as concepções dos pais ou responsáveis acerca do trabalho da pedagoga com as crianças em tratamento de saúde**. Inicialmente buscamos saber se as crianças já tinham sido internadas antes e se tinha ou não pedagogo no hospital. Diante da pergunta percebemos alguma diferença em relação a presença de pedagogos no hospital, como podemos perceber nas respostas que se seguem:

Ficou só pra fazer uma cirurgia da garganta, nariz e ouvido, foi em um dia e saiu no outro, não demorou. Então, nem sei dizer se tinha pedagogo, e não foi aqui, foi em São Paulo. Mas, é muito diferente com o pedagogo aqui. Muito bom (Mãe 1).

Não. Primeira vez, faz toda diferença com a pedagoga aqui, tem dia que nem parece que estamos no hospital, de tanta coisa legal que ela faz (Mãe 2).

Não. Primeira vez. Eu nem sabia que tinha pedagogo aqui, mas dá pra perceber o quanto ela é importante (Mãe 3).

Apesar de as crianças não terem sido internadas antes, percebemos que as mães notam a importância do pedagogo no hospital. Podemos observar também a falta de informação da população sobre a atuação do pedagogo em espaços não escolares e, principalmente, em hospitais. Muitas pessoas só passam a saber que tem pedagogo nos hospitais quando precisam ficar com alguém internado.

No entanto, nem todos os hospitais que atendem crianças e adolescentes têm este profissional na sua equipe multiprofissional, como podemos perceber na fala da Mãe 3, quando relata que não sabia que tinha pedagoga no hospital.

Como asseveram Jesus e Rosa (2020, p.3):

O Pedagogo tem os conhecimentos necessários e possui capacidade para lidar com as alterações da educação, como a problemática existente no processo educativo. Esse profissional passou e passa ainda por diversas transformações, pois infelizmente ainda existem pessoas que acreditam que a única função do pedagogo é lecionar, ou seja, ficar somente em sala de aula. Desconhecendo assim a verdadeira identidade do papel do Pedagogo.

O pedagogo atua em várias áreas do hospital, um desses espaços, como mencionado anteriormente é a brinquedoteca, um espaço importante no ambiente

hospitalar, pois as crianças se distraem e esquecem um pouco da realidade que estão enfrentando, e têm contato com outras crianças e se aproximam de sua realidade fora do hospital.

Deste modo, as mães quando são questionadas se as crianças vão a brinquedoteca, que atividades são desenvolvidas, e se são atividades educativas, respondem:

Vai sim, ele brinca sozinho, com os carrinhos, também tem o pessoal que brinca com ele lá. Tem joguinhos com números e letras, tem livrinhos pra leitura (Mãe 1).

Vai, ela quer ir todo dia, ela gosta. Tem um bocado de brinquedo lá, que ela gosta de brincar, tem uns que estimula a leitura, tem uns com números, tem um monte de coisa, [...] que dá pra ensinar os números, as letras (Mãe 2).

No início não, não entrava, não participava, hoje sim, ele participa. As atividades são sempre estimulando coisas educativas, e também ele brinca sozinho no carrinho, no escorrega [...]. E atividade educativa também com livro, esses números que têm na parede [...] atividades de leitura, a pronúncia das letras (Mãe 3).

Diante da fala das mães notamos que as crianças gostam do espaço lúdico, o qual dispõem de brinquedos e jogos. Além disso, são desenvolvidas atividades educativas que contribuem para que a criança continue o seu processo educacional. Assim, a brinquedoteca tem sua importância no espaço hospitalar, por ser um ambiente que possibilita a criança participar do que mais gosta, que neste caso é o brincar. Como observa Soares (2017, p.87) “ao brincar com e neste mundo, a criança se desenvolve biológica, psíquica e culturalmente. O brincar está diretamente relacionado com o desenvolvimento da criança.”

Desta forma, quando o hospital oferece um espaço harmonioso e aconchegante em que as crianças possam brincar, conseqüentemente as que estão adoecidas também terão uma recuperação mais rápida. Por outro lado, ao manterem contato com as atividades educativas, quando voltarem à escola não ficarão tão atrasadas em relação aos colegas quanto ao seu processo de desenvolvimento.

Seguindo com a entrevista, procuramos **saber das mães se as crianças gostam das atividades propostas pela pedagoga e como ocorre a participação das crianças**. Diante deste questionamento as respostas foram as seguintes:

Ele gosta até demais, participa bastante, no dia das crianças ele brincou foi muito com o pessoal que estava lá, dançou, ele não quer sair de lá (Mãe 1).

Gosta demais, ontem mesmo de tarde, a brinquedoteca já tava fechada e ela queria ir pra lá, ela brinca sozinha, também tem umas pessoas que brinca com as crianças lá, tem aquela pedagoga também, faz um bocado de coisinha legal (Mãe 2).

Mulher, ele gosta, mas ele é por momento, aqui no dia das crianças ele interagiu bastante, aí depois parou. Eu posso dizer que ele é neutro, as vezes participa as vezes não (Mãe 3).

Podemos notar, a partir da fala das entrevistadas que acontece o envolvimento das crianças nas atividades propostas pela pedagoga, tornando-se fundamental tanto para aprendizagem quanto para a recuperação da criança, pois as atividades desenvolvidas conseguem levar a criança para um momento de descontração e de socialização.

No entanto, cabe lembrar que criança gosta de atividades que desperte sua curiosidade, atenção e que faça se envolver com a brincadeira ou atividade. Como por exemplo, numa atividade de leitura com crianças pequenas que não sabem ler, o adulto pode fazer a leitura de uma história, e pedir para a criança recontar da forma que entendeu ou deixar que ela faça a leitura do seu modo, a partir das imagens que ela estiver vendo no livro. Isso pode fazer com que a criança tenha mais interesse pela atividade e participe, desde que seja algo de que ela goste.

De acordo com Freitas, Caldas e Araújo (2017, p.61), “o pedagogo deve ter um olhar compreensivo e buscar meios para que a intervenção pedagógica seja instigante, contagiante aos olhos dos alunos hospitalizados.” Portanto, as atividades pedagógicas devem ser criativas e que chamem a atenção da criança, para que ela se envolva na brincadeira e tenha interesse de participar. Contudo, não podemos esquecer que quando se trata de crianças enfermas, as atividades devem ser adequadas a realidade de cada uma delas, respeitando sua enfermidade e tratamento médico.

Em seguida perguntamos **se a partir do desenvolvimento das atividades propostas pela pedagoga, é possível perceber mudanças na recuperação da criança**. As entrevistadas responderam:

Sim, sim (Mãe 1).

Tá sim, tá ajudando ela (Mãe 2).

Sim, com certeza, até mesmo agora, que ele começou brincar, se soltar. Ele tá bem melhor, o quadro dele já tá melhor, já tá pra ir embora mesmo, só a questão do remédio que tem que terminar (Mãe 3).

Diante a fala das mães, percebemos que o trabalho da pedagoga vai além do brincar, de maneira que além de todos os benefícios que o trabalho pode oferecer a criança, também está a possibilidade de uma recuperação saudável e rápida a partir das atividades lúdicas desenvolvidas.

De acordo com, Borges, Nascimento e Silva (2008, p.02):

As atividades lúdicas proporcionadas a essas crianças no ambiente hospitalar atuam como catalisadoras no processo de sua recuperação e adaptação, representando estratégia de confronto das condições adversas da hospitalização. O ato de brincar permite à criança sentir-se melhor no cotidiano de sua internação e resgatar as brincadeiras que realizava em seu ambiente familiar, antes da hospitalização. O ambiente hospitalar torna-se mais humanizado, o que favorece a qualidade de vida desses pequenos e a de seus familiares, influenciando assim na sua recuperação.

As atividades lúdicas são fundamentais para o desenvolvimento das crianças, pois é durante as brincadeiras e essas atividades que elas conseguem se desenvolver em todos os aspectos, seja motor, cognitivo, entre outras contribuições que podem proporcionar. Através das atividades lúdicas esquecem um pouco o que estão sentindo, além de fazer com que tenha uma melhor comunicação com a equipe de saúde do hospital, no sentido de aceitar o tratamento médico.

Para finalizar as entrevistas com as mães, fizemos a última pergunta no intuito de saber na opinião delas, **qual a importância do trabalho desenvolvido pela pedagoga para as crianças no ambiente hospitalar**. As respostas obtidas foram as seguintes:

Assim, é muito importante, só dela ter feito a alegria dele aqui no dia das crianças, porque assim, teve brincadeira, brinquedos. Ver a felicidade dele naquele dia é a minha também que eu vivi nesse dia, porque quando cheguei aqui eu ficava chorando preocupada com o problema dele e lá na brinquedoteca eu brinquei também esqueci das coisas ruins. É bom demais o que ela faz (Mãe 1)..

É muito importante, ajuda muito as crianças e nós que estamos acompanhando também (Mãe 2).

Com certeza, sabe porquê? Ele tá aqui com outras crianças, pra brincar se socializar, e ela faz com que ele não fique só dentro do quarto. Isso era pra acontecer mais, era pra ter mais investimentos nos hospitais, justamente para a recuperação da criança. Imagine aí se não tivesse isso aqui, a brinquedoteca, a pedagoga, os meninos tudo dentro dos quartos, era os meninos tudo no corredor gritando, chorando (Mãe 3).

Ficou evidenciada mais uma vez na fala das mães a importância da atuação da pedagoga no espaço hospitalar. Na percepção das entrevistadas a pedagoga contribui para a alegria das crianças e, conseqüentemente, para a recuperação, além de proporcionar momentos felizes não só para elas, mas também para a família.

Segundo Russo e Messa (2017, p.09):

[...] O pedagogo é um auxiliador da aprendizagem para crianças e adolescentes, promovendo tranquilidade, conforto e satisfação na condição psíquica, física, emocional, social e incluindo-o para o retorno à escola. Sua inserção nesta área da saúde permite esta integração educacional, acarretando uma importância tanto para o hospitalizado quanto para a família [...].

Portanto, o trabalho do profissional da pedagogia no âmbito hospitalar, indubitavelmente pode contribuir para manter a criança em contato com a área educacional, desenvolvendo brincadeiras e atividades lúdicas que além de desenvolver sua aprendizagem, concorre para a diminuição do tempo de recuperação. Também auxilia os familiares a enfrentar os momentos difíceis de hospitalização da criança, tornando o ambiente hospitalar mais humanizado, o que favorece a qualidade de vida das crianças e a de seus familiares, para que no menor espaço de tempo possível, todos possam retornar a uma trajetória de normalidade em suas vidas cotidianas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente a atuação do pedagogo ficava restrita ao espaço da sala de aula. Com o passar do tempo esta atuação foi ganhando espaço, e a ideia de que este profissional só poderia atuar na sala de aula foi se desfazendo, sendo expandida para diversas áreas em que haja intencionalidade de ensino e de aprendizado.

Um desses espaços é o hospital, nos quais os pedagogos desenvolvem importantes atividades com as crianças e adolescentes hospitalizados e seus familiares. Proporcionando para estes sujeitos sociais, atividades lúdicas e educativas de acordo com suas necessidades, as quais promovem uma recuperação mais rápida, contribuindo para que não percam o vínculo com o processo de aprendizagem desenvolvido na escola e continue o desenvolvimento humano.

Desse modo, o estudo em tela foi desenvolvido no intuito de compreender os principais desafios enfrentados e as contribuições do trabalho do pedagogo em ambientes hospitalares, apontar a importância de sua atuação para o desenvolvimento, aprendizagem e recuperação de crianças hospitalizadas e averiguar como os pais ou responsáveis de crianças hospitalizadas percebem o trabalho desenvolvido pela pedagoga no ambiente hospitalar.

Para tanto, realizamos inicialmente um levantamento bibliográfico a partir de das contribuições de autores que estudam a temática da Pedagogia Hospitalar e que ajudaram na compreensão da multiplicidade de ações que o pedagogo pode desenvolver no contexto hospitalar. Em seguida foi desenvolvido um estudo de campo, por meio de entrevistas com quatro sujeitos, sendo três mães de crianças hospitalizadas e a pedagoga que atua no Hospital Universitário.

Com a realização das entrevistas foi possível formular um melhor entendimento no que concerne a atuação da pedagoga no ambiente hospitalar, conhecer mais profundamente a forma como essa profissional desenvolve suas atividades e quais suas principais atribuições. Percebemos também que atuar em hospitais com crianças enfermas é uma tarefa árdua, requer dedicação intensa e uma formação profissional que garanta o acesso aos saberes e práticas necessárias a atuação em contextos hospitalares.

Assim, em que pese as dificuldades que enfrenta no ambiente de trabalho, inicialmente pela falta de reconhecimento por parte dos demais profissionais do

hospital, em seguida pela falta de investimentos financeiros para a compra de materiais, recursos lúdicos e didáticos, além de espaços apropriados necessários a atuação profissional, a pedagoga demonstrou que gosta do que faz e continua desenvolvendo seu trabalho dignamente.

Percebemos ainda a necessidade de que a população em geral tenha conhecimento da importância da atuação do pedagogo em espaços não escolares, especialmente em hospitais, pois notamos que a falta de conhecimento da população em torno deste tema, dificulta o desenvolvimento desta área da educação, uma vez que as pessoas não percebem as possibilidades do pedagogo atuar fora da sala de aula, e não exigem de seus governantes, maior atenção para a essa atividade.

A partir da entrevista com as mães dos internos, notamos a importância e as inúmeras contribuições que a pedagoga proporciona as crianças hospitalizadas e a seus familiares, principalmente, garantindo que não se distanciem das atividades educativas e da realidade escolar, mantendo o desenvolvimento da aprendizagem na infância, período muito importante para o desenvolvimento cognitivo do ser humano.

Com a realização da pesquisa também buscamos mostrar que o hospital, apesar de ter como objetivo principal restaurar a saúde dos pacientes, é também um ambiente propício para fazer a educação acontecer, é um espaço para que o pedagogo também possa atuar, e que sua função tem tanta importância quanto de outros profissionais que atuam nesse ambiente, sendo peça fundamental da equipe multiprofissional que cuida de cada paciente, garantindo, assim, o desenvolvimento e aprendizado, além de contribuir para uma recuperação mais rápida da criança.

Portanto, a criança hospitalizada não pode ser vista como uma pessoa incapaz de desenvolver atividades, não pode ser excluída ou afastada das atividades educativas por estar enferma, pois, todos têm direito a educação mesmo quando hospitalizados, ou impossibilitados de frequentar o ambiente escolar, o que é garantido por leis. De sorte que o pedagogo deve entender a enfermidade e o processo pelo qual cada criança está passando e que desenvolva atividades de acordo com as possibilidades de cada uma respeitando seus limites.

O pedagogo que atua no ambiente hospitalar, precisa ter maior flexibilidade nos seus planejamentos e atividades, pois cada criança de acordo suas dificuldades

e enfermidades requer atenção e cuidados diferentes, e atividades que estejam de acordo com as suas capacidades e necessidades.

Dessarte, podemos concluir que a Pedagogia Hospitalar é fundamental na vida das crianças enfermas, tanto no que concerne o seu desenvolvimento cognitivo, quanto em seu processo de recuperação. Por isso, cabe ressaltar a necessidade de aprofundamento das discussões sobre o tema, além do conhecimento sobre as áreas de atuação do pedagogo, de maneira que as autoridades governamentais tenham um olhar mais sensível e responsabilidade social com esta área de atuação e possam investir mais recursos, garantindo, assim, educação de qualidade para a todos, principalmente, nos espaços não escolares, considerando que a atuação do pedagogo vai além da sala de aula, perpassa os muros escolares e pode chegar nos mais variados espaços em que a aprendizagem possa acontecer.

Cabe destacar também que a área da Pedagogia Hospitalar ainda precisa ser mais explorada, pois durante a pesquisa realizada notamos que ainda existem poucos trabalhos escritos nesta área de conhecimento, o que enseja a necessidade de maior atenção sobre esta temática. Por isso, recomendamos a elaboração de novas pesquisas, materiais didáticos e informativos sobre a Pedagogia Hospitalar e que mais estudantes e pesquisadores, possam desenvolver trabalhos sobre esta temática tão importante.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Kathy Souza Xavier; RODRIGUES, Janine Marta Coelho. Pedagogia hospitalar no Brasil: breve histórico do século XX aos dias atuais. **Políticas Educativas–PoEd**, v. 14, n. 1, 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL, Ministério da Educação. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações**. / Secretaria de Educação Especial. – Brasília: MEC; SEESP, 2002.

BRASIL, 1996. **Lei Federal Nº 9394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm . Acesso em: 12 de dezembro de 2022.

BRASIL, 2005. **Lei Federal Nº 1104, de 21 de março de 2005**. Dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/l11104.htm . Acesso em: 12 de dezembro de 2022.

BRASIL, 2018. **Lei Federal Nº, 13716 de setembro de 2018**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para assegurar atendimento educacional ao aluno da educação básica internado para tratamento de saúde em regime hospitalar ou domiciliar por tempo prolongado. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13716.htm . Acesso em: 12 de dezembro de 2022.

BRASIL, 2001. **Resolução CNE/CEB Nº 2, de setembro de 2001**. Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf> acesso em: 12 de dezembro de 2022.

BRASIL. Decreto-Lei nº 1.190, de 4 de abril de 1939. Dá organização à Faculdade Nacional de Filosofia. **Diário Oficial da União**, 1939.

BRASIL, 2006. **Resolução CNE/CP Nº 1, DE 15 DE MAIO DE 2006**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_rcp0106.pdf?query=LICENCIATURA . Acesso em: 12 de dezembro de 2022.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, de 5 de outubro de 1988. Brasília, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em: 28 de janeiro de 2023.

BRASIL. **Estatuto dos Direitos da Criança do Adolescente Hospitalizados.** Resolução CONANDA nº 41, 19 de outubro de 1995. Brasília. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/bioetica/conanda.htm> , Acesso em: 12 de dezembro de 2022.

BRASIL. **Estatuto dos Direitos da Criança do Adolescente Hospitalizados.** Resolução CONANDA nº 41, 19 de outubro de 1995. Brasília. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/bioetica/conanda.htm> , Acesso em: 12 de dezembro de 2022.

BORGES, Emnielle Pinto; NASCIMENTO, Maria do Desterro Soares Brandão; SILVA, Silvana Maria Moura da. Benefícios das atividades lúdicas na recuperação de crianças com câncer. **Bol. - Acad. Paul. Psicol.**, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 211-221, dez. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2008000200009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 15 nov. 2022.

COSTA, Vilze Vidotte et.al. **Pedagogia em espaços escolares e não escolares.** Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2018.

CARLOS GIL, Antônio. Pesquisa social. In: CARLOS GIL, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas S.A., p. 26-32, 2008.

CÂMARA, Rosana Hoffman. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, Brasília, p. 179-191, jul/dez. 2013.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisas**, Rio de Janeiro, n. 115, p. 139-154, março 2002.

ESTEVES, Cláudia Regina. **Pedagogia hospitalar: um breve histórico.** 2008. Disponível em: <https://docplayer.com.br/1882530-Pedagogia-hospitalar-um-breve-historico.html> . acesso em: 10 de agosto de 2022.

FEITOSA, Belijane Marques; BIDÔ, Ânglimogean Barboza; MATINS, Eudislânia Paulino. As contribuições da pedagogia no HUJB. In: LIMA, Alana Kelly Maia Macedo Nobre; AMARAL, Maria Gerlaine Belchior; BATISTA, Maria Thaís de Oliveira (orgs). **Pedagogia hospitalar: múltiplos olhares e práticas.** Fortaleza: Imprece, 2017. p.195-208.

FREIRE, Luciane Soraia Carmo dos Santos et. al. **Pedagogia hospitalar: acompanhamento pedagógico em ambiente não escolar junto ao grupo de apoio a criança com câncer–GACC.** 2012.

FREITAS, Priscila Alves; CALDAS, Iandra Fernandes Pereira; ARAÚJO, Francisco Roberto Diniz. Pedagogia hospitalar: os desafios do pedagogo no ambiente não escolar. In: LIMA, Alana Kelly Maia Macedo Nobre; AMARAL, Maria Gerlaine Belchior; BATISTA, Maria Thaís de Oliveira (orgs). **Pedagogia hospitalar: múltiplos olhares e práticas.** Fortaleza: Imprece, 2017. p.195-208.

BATISTA, Maria Thaís de Oliveira (orgs). **Pedagogia hospitalar: múltiplos olhares e práticas**. Fortaleza: Impreco, 2017. p.45 - 63.

GHIRALDELLI, Paulo. **O que é pedagogia**. São Paulo: Brasiliense, 2017. E-book.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversa sobre iniciação à pesquisa científica**. 2. ed. Campinas - SP: Alínea, 2001. p. 80. ISBN 85-7516-002-8.

JESUS, Ludmila Kely; ROSA, Waldirene Aparecida. A importância do trabalho do pedagogo hospitalar junto a equipe multidisciplinar. **Revista educação, saúde & meio ambiente**, v. 1, n. 7, 2020.

LIBÂNIO, José Carlos. Ainda as perguntas: o que é pedagogia, quem é o pedagogo, o que deve ser o curso de pedagogia. In: PIMENTA, Selma Garrido (Org.). **Pedagogia e pedagogos: caminhos e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 2002.

LIMA, Alana Kelly Maia Macedo Nobre; AMARAL, Maria Gerlaine Belchior; BATISTA, Maria Thaís de Oliveira (orgs). **Pedagogia hospitalar: múltiplos olhares e práticas**. Fortaleza: Impreco, 2017. p.81-97.

LOPES, Elisângela Henrique. **Pedagogia hospitalar: a humanização na educação**. (Trabalho de Conclusão de Curso). Aparecida de Goiânia: Faculdade Alfredo Nasser. Instituto Superior de Educação, 2010.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira; MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. **Pedagogia hospitalar: a humanização integrando educação e saúde**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo - RS: Faevale, 2013. 278 p. ISBN 978-85-7717-158-3. 21 cm X 29,7 cm.

RUSSO, Jaqueline Guedes; MESSA, Sabrina Peviani. PEDAGOGIA HOSPITALAR: a importância do pedagogo como auxiliador do aprendizado de crianças e adolescentes hospitalizados. **Revista Saberes Docentes**, v. 2, n. 4, 2017.

SANTOS, Monique Spindolla Mexias; CRAHIM, Suely Cristina de Souza Fernandes. A Importância da Brinquedoteca no Ambiente Hospitalar. **Revista Mosaico**. 2019 Jul/Dez.; 10 (2): SUPLEMENTO 11-15.

SAVIANI, D. **A nova lei da educação: LDB, trajetória, limites e perspectivas**. Campinas. São Paulo: Autores Associados, 1997.

SILVA, José Amiraldo Alves da. **Formação, produção de saberes e da identidade docente: desafios e possibilidades de redimensionamento das práticas pedagógicas**. João Pessoa, 2013. 359 p. Tese (Doutorado). PPGE-UFPB.

SILVA, José Amiraldo. O percurso formativo dos professores para os anos iniciais de escolarização e a produção de saberes necessários à atuação docente. In:

SANTIAGO, Stella Márcia de Moraes; LOPES, Wiama de Jesus Freitas (orgs). **Formação de professores e identidades docentes em questão: o que nos ensina os 35 anos da pedagogia no alto sertão paraibano.** Fortaleza: Imprece, 2016.

SILVA, Neilton; ANDRADE, Elane Silva. **Pedagogia hospitalar: fundamentos e práticas de humanização e cuidado.** Cruz das Almas/BA: UFRB, 2013. p. 192.

SOARES, Luisa de Marillac Ramos. O lugar do brincar na pedagogia hospitalar. In:

SOKOLOWSKI, Maria Teresa. História do curso de pedagogia no Brasil. **Comunicações**, v. 20, n. 1, p. 81-97, 2013.

APÊNDICES



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADO COM A PEDAGOGA

Tema: formação e atuação da pedagoga

1. A quanto tempo é formada em pedagogia? E onde estudou?
2. Tem outra formação além da pedagogia?
3. Já trabalhou em outra área antes do ambiente hospitalar?
4. Para você o que significa pedagogia hospitalar?
5. Este é o primeiro hospital que você trabalha como pedagoga?
6. Como foi seu ingresso no ambiente hospitalar e a quanto tempo atua nesta área?
7. Como conseguiu o cargo de pedagoga hospitalar no HUJB? Quais foram os requisitos?
8. Você é a única pedagoga neste hospital? Teve outra antes de você?
9. Na sua opinião o que poderia melhorar na formação do pedagogo que deseja atuar no espaço hospitalar?
10. Como é realizada as atividades e brincadeiras com as crianças?
11. Também são realizadas atividades com as crianças que não conseguem sair dos leitos das enfermarias? Quais atividades são realizadas com elas?
12. O que poderia ser melhorado no seu ambiente de trabalho para que pudesse ter melhores resultados no seu trabalho?
13. Para você qual a importância da brinquedoteca no hospital?
14. Do seu ponto de vista, como o pedagogo deve desenvolver seu trabalho no ambiente hospitalar?
15. Fale um pouco como se dá seu trabalho no Hospital Universitário Júlio Bandeira.

Tema: contribuições do trabalho do pedagogo no espaço hospitalar

1. Quais são suas contribuições para a educação das crianças hospitalizadas?
2. Você consegue perceber suas contribuições a partir do seu trabalho para as crianças hospitalizadas? Percebe que elas conseguem ter alta mais rápido?

Tema: desafios do pedagogo no ambiente hospitalar

1. Fale sobre seus desafios e dificuldades que já enfrentou ou enfrenta para realizar seu trabalho no ambiente hospitalar.

Tema: Sobre o hospital

1. Em que ano foi fundado? Fale um pouco sobre a história do hospital, sua fundação
2. Sempre teve este nome Hospital Universitário Júlio Bandeira?

3. Público alvo para atendimento?
4. Atualmente com quantos funcionários conta o hospital?
5. Quantos leitos de enfermaria?
6. Quantos municípios o hospital atende?
7. Até que idade as crianças são atendidas no hospital?
8. Aproximadamente quanto tempo as crianças ficam internadas neste hospital?
9. Quais profissionais atendem as crianças? Quais profissionais fazem parte da equipe multidisciplinar?
10. Sempre teve pedagogo no hospital?
11. Fale sobre o espaço físico do hospital.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADO COM OS PAIS OU RESPONSÁVEIS

Tema: concepção dos pais sobre o do trabalho da pedagoga com crianças em tratamento de saúde

1. Há quanto tempo seu filho está internado?
2. Seu filho já ficou internado antes? Se sim, tinha pedagogo? Se não, você percebeu alguma diferença no ambiente hospitalar com a pedagoga?
3. Seu filho vai até a brinquedoteca? Que atividades e/ou brincadeiras são realizadas com ele?
4. O que a criança consegue aprender com as atividades propostas? São atividades e/ou brincadeiras educativas?
5. Que atividades são realizadas com as crianças que não consegue ir para a brinquedoteca?
6. As crianças gostam das atividades propostas pela pedagoga? Como ocorre a participação das crianças?
7. A partir do desenvolvimento das atividades propostas pela pedagoga, é possível perceber mudanças na recuperação da criança e, conseqüentemente, uma alta hospitalar mais rápida?
8. Para você qual a importância do trabalho desenvolvido pela pedagoga para as crianças no ambiente hospitalar?



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado/a a participar como voluntário (a) no estudo **Contribuições do Trabalho do Pedagogo no Ambiente Hospitalar para o desenvolvimento das Crianças Hospitalizadas**, sob a responsabilidade da pesquisadora/aluna Samara Bezerra Souza, vinculada ao curso de Pedagogia do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal De Campina Grande.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo identificar os desafios enfrentados pelo pedagogo e os benefícios e vantagens proporcionadas por ele às crianças hospitalizadas no Hospital Universitário Júlio Bandeira na cidade de Cajazeiras/PB e se faz necessário por se tratar de uma pesquisa que busca coletar dados que demonstrem os desafios e contribuições do trabalho do pedagogo com crianças hospitalizadas.

Caso decida aceitar o convite, os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa não existem. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Mas, se aceitar participar, estará contribuindo com a reflexão sobre a importância do trabalho do pedagogo com crianças no ambiente hospitalar.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário.

Esta pesquisa atende às exigências das Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), as quais estabelecem diretrizes e normas regulamentadoras para pesquisas envolvendo seres humanos.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada ao Professor Orientador **José Amiraldo Alves da Silva** (UAE/CFP/UFCG), E-mail: amiralves2@gmail.com ou a pesquisadora responsável cujos dados para contato estão especificados abaixo:

Dados para contato com o responsável pela pesquisa

Nome: Samara Bezerra Souza

Instituição: Universidade Federal de Campina Grande – Campus Cajazeiras

Endereço Profissional: Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, Cajazeiras – PB, 58.900-000

Endereço Pessoal: Rua Antônia Maria de Jesus, Cajazeiras – PB

Telefone: (83) 9 93767796

E-mail: samarabezerra2015@hotmail.com

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

Cajazeiras-PB, ____/_____/2022.

Assinatura ou impressão datiloscópica do voluntário
ou responsável legal

Nome e assinatura do responsável
pelo estudo